

Alceu Amoroso Lima: a conversão católica do crítico do modernismo

Pedro Bueno de Melo Serrano¹

ALCEU AMOROSO LIMA (1893-1983), COM O PSEUDÔNIMO DE TRISTÃO DE ATHAYDE, FOI INFLUÊNCIA determinante na crítica literária brasileira de inícios do século XX. Portanto, no decorrer da Semana de Arte Moderna de 1922 e de seus primeiros desdobramentos. Nascido em 1893 em uma família abastada, descendente de portugueses radicados no Rio de Janeiro, Alceu escrevia desde 1919 no rodapé de *O Jornal*, denominado “Bibliografia” e depois “Vida literária”². Mais tarde, além desse veículo, atuou no *Diário de Notícias* e na revista católica *A Ordem*. No início da década de 1920, ele obteve reconhecimento por parte de escritores modernistas como um avaliador competente do movimento. Mas ao se acercar, em seguida, da militância católica, que o caracterizaria fortemente, acabou moderando sua visão sobre o modernismo, ao equilibrar em seu percurso intelectual as perspectivas estética e ideológica.

A conversão de Alceu é geralmente atribuída ao trabalho de convencimento realizado sobre ele por Jackson de Figueiredo (1891-1928), então líder supremo do laicato brasileiro, dirigente do Centro Dom Vital e da revista *A Ordem*. Embora os dois fossem de uma mesma geração, o segundo fora convertido à Igreja aos vinte e três anos e, antes dos anos 1920, já era um militante católico de aferradas posições antiliberais e reacionárias. Diversamente, Alceu arrastou por essa década hesitações, enquanto dialogava com Jackson e outros interlocutores, como Dom Leme (1882-1942) e Padre Leonel Franca (1894-1948). Ao mesmo tempo, vivia o auge de sua atuação como crítico literário em *O Jornal* e experimentava demais ocupações profissionais que não o satisfaziam do ponto de vista subjetivo e por isso seriam, em breve, abandonadas ou secundarizadas.

O papel determinante de Jackson para a conversão de Alceu foi admitido repetidas vezes em vida pelo próprio. Para os analistas interessados no assunto, está publicada a correspondência entre os dois, em *Harmonia dos Contrastes*³. São ao todo mais de duzentas cartas datadas entre 1919 e 1928, que hoje em dia podem ser tomadas como um “arquivo da conversão”⁴ de Alceu ao catolicismo.

O manuseio desse material abre um universo de problemas. Ali está registrada uma extensa bibliografia sobre

¹ Doutor em Sociologia pela USP. E-mail: pedroberrano@gmail.com

² Até meados do século XX, os jornais eram o espaço prioritário de veiculação da crítica literária brasileira. Neles, os artigos de crítica saíam geralmente aos pés das páginas, em seções específicas e espaçosas. Assim surgiu o termo “crítica de rodapé”, alusivo à crítica literária jornalística do momento. Sobre as características desse tipo de crítica literária, consultar Bolle (1979), Sússekind (2002) e Serrano (2016).

³ LIMA, A. A.; FIGUEIREDO, J. *Correspondência: Harmonia dos Contrastes*. FILHO, J. E. (org.). Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1991, 2t.

⁴ Parfraseio o termo criado por Diaz, que, discutindo o lugar da interpretação das correspondências dentro dos estudos literários, define a carta como “arquivo da literatura”, isto é, como material em que se registram, com frequência, as idas e vindas da composição literária. Sendo um “arquivo da conversão”, na correspondência entre Jackson e Alceu está documentado o percurso deste em direção ao catolicismo militante. DIAZ, J.-L. Qual genética para as correspondências?. *Manuscrita: Revista de Crítica Genética*. Trad. HIRO, C.; BARSALINI, M. São Paulo: Editora Humanitas, n. 15, 2007.

os debates católicos. A partir dela, Rodrigues⁵ cartografou as linhas de força que incidiam sobre a dupla, com nuances entre um e outro. Tratava-se dos reflexos da doutrina francesa da *Action Française*. Jackson e Alceu falavam do cotidiano do Centro Dom Vital, da revista *A Ordem*, do cenário político brasileiro e internacional, de literatura e de sentimentos acerca da fé católica, além de trocarem confidências, juras de amizade e de compartilharem angústias e questões existenciais, como é característico das cartas.

Na correspondência, salta aos olhos uma espécie de distinção de papéis entre os dois. Jackson era quem tinha o poder de convencimento, seu objetivo declarado era atrair Alceu para a militância católica; já Alceu era aquele que estava aberto a essa tentativa, embora impusesse resistências de diferentes tipos. Era como se fossem, respectivamente, os polos ativo e passivo em uma dinâmica consentida de atração espiritual (ou de buscas de aproximação), o que o trecho de uma carta enviada por Jackson a Alceu em abril de 1927 descreve bem:

[...] Há em mim algo de completo, que falta a você, quero dizer, quando eu o encontrei já era o católico que sou [...]. Você ainda era uma coisa a mover-se desesperadamente em busca do lugar de repouso. Daí lhe parecer que eu sou a atração e você o atraído. Mas, nesse sentido, o que atraí não sou eu, e, sim, positivamente, o mundo de ideias que obscuramente represento.⁶

Em muitas passagens, a atitude de Alceu perante o colega parecia devota. Ele dizia tê-lo, por exemplo, como um “anjo da guarda”⁷, como “o mais heroico exemplo de vida interior”⁸. Noutro excerto, define o impacto das cartas do amigo sobre ele do seguinte modo: “[...] suas cartas são verdadeiramente aspiradoras. E elas deixam como que um vácuo que a gente segue sem querer, aspirado, sugado, elevado, como um grão de trigo em um silo do cais do porto.”⁹

Curiosamente, esses papéis interiorizados não correspondiam às posições ocupadas e ao prestígio acumulado por cada um deles dentro do campo intelectual brasileiro da década de 1920. Neste, Alceu estava bem mais *estabelecido* — seja por sua origem familiar e geográfica seja pela consagração como crítico — do que Jackson. Prova disso era o reconhecimento que aquele dispunha enquanto avaliador conceituado do modernismo, ainda que não fizesse parte dos grupos constitutivos do movimento e optasse por uma conduta “neutra” frente a eles, distintamente de outros críticos em circulação no Rio de Janeiro, como Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982) e Pedro Dantas (1904-1977), os dois autodeclarados modernistas. De outro lado, Jackson vinha de fora, migrado do Sergipe. Lá, recebera boa formação escolar e universitária, diplomando-se em Direito na Bahia, mas havia mudado para a capital federal à sombra de instabilidade financeira, dependendo de favores para se estabelecer.

O que teria permitido a inversão de papéis entre eles no diálogo epistolar? Como percurso interpretativo, proponho uma investigação crítica da correspondência e das trajetórias dos dois (com ênfase em Alceu), considerando-os de forma relacional e em meio ao espaço da cultura, da política e da religião em que firmaram suas escolhas. Nesse esforço, pode-se apurar o significado da proclamada “conversão” e investigar seus efeitos sobre as posições literárias do crítico. Particularmente, sobre sua localização diante do modernismo.

⁵ RODRIGUES, C. M. *Aproximações e conversões: o intelectual Alceu Amoroso Lima no Brasil dos anos 1928-1946*. São Paulo: Alameda, 2013.

⁶ FIGUEIREDO, J. Carta de 22 abr. 1927. LIMA, A. A.; FIGUEIREDO, J. Op. cit., tomo I, p. 93.

⁷ LIMA, A. A. Carta de 18 out. 1927. Ibidem, p. 199.

⁸ LIMA, A. Carta de 6 dez. 1927. Ibidem, p. 247.

⁹ LIMA, A., 18 jan. 1928. Ibidem, p. 295.

Alceu Amoroso Lima nasceu em 1893 no bairro do Cosme Velho, no Rio de Janeiro, como o único homem junto a outras quatro filhas de Camila da Silva Amoroso Lima e Manoel José Amoroso Lima¹⁰. A opulência da família tinha origem desde pelo menos o avô de Alceu, português, portador do título nobiliárquico de Visconde de Amoroso Lima. Manoel José, seu pai, brasileiro, mesmo sem formação no ensino superior era um sujeito erudito, afinado com os hábitos sociais e culturais da elite carioca. Um de seus gostos maiores era a música, área em que fundou, ao lado de Machado de Assis e outros, o glamoroso Clube Beethoven, na Glória. Machado, aliás, foi vizinho dos Amoroso Lima no bairro do Cosme Velho.

Ainda criança, Alceu foi rodeado por professores particulares que lhe transmitiam, ao lado da mãe, as primeiras letras, as habilidades intelectuais e os marcadores de distinção cultural. A tentativa de biografia ensaiada por Ferreira¹¹, neto de Alceu, se peca pela falta de objetividade, por outro lado fornece pormenores sobre a família que acabam por constituir achados significativos. Ferreira informa, por exemplo, que Alceu, ainda criança, chegara a almoçar em presença do então presidente da República, Campo Sales, o que indica o trânsito livre que sua família possuía nos palácios. Já em outra passagem, descobre-se que os Amoroso Lima tinham como médico particular, ninguém mais, ninguém menos, que Joaquim Murтинho, que era o Ministro da Fazenda do governo federal.

Chegando à idade ginásial, Alceu foi matriculado pelo pai no Externato do Colégio Nacional, futuro Colégio Pedro II. Mais tarde, alguns eventos enfeixaram definições na sua trajetória: em 1918, casou-se com Maria Thereza, que era filha do acadêmico Alberto de Faria, irmã, portanto, de Octávio de Faria, e ainda cunhada do igualmente membro da ABL, Afrânio Peixoto. Também deixou o Itamaraty e foi alocado pelo pai para administrar a indústria de tecidos que a família detinha em Petrópolis, função jamais interiorizada por ele com entusiasmo. E em 1919, aceitou o convite feito por Renato Toledo Lopes para integrar recém-criado jornal carioca, *O Jornal*, e nele fazer a crítica de rodapé, ou seja, ser o crítico titular.

Por seu turno, Jackson nascera em Aracaju (SE), em 1891.¹² Era filho primogênito de Luiz de Figueiredo Martins, farmacêutico, e de Regina Jorge de Figueiredo Martins. Sua família tinha peso na política local, tendo sido seu avô paterno, o português Jacinto Martins de Almeida Figueiredo, prefeito de Aracaju entre 1898 e 1900 pelo Partido Republicano de Sergipe. A ala materna provinha da Bahia, também de ascendência portuguesa e bem estabelecida financeiramente como proprietária do Engenho Lagoa Grande. Sua formação católica havia sido rígida, refletindo o ambiente nordestino que era costumeiramente mais devoto do que os centros urbanos do Sudeste.

Formado em Direito na Bahia, Figueiredo migrou para o Rio de Janeiro após ter publicado dois livros de poesia, em Sergipe e na Bahia. Algumas tomadas de posição condicionaram seu percurso na capital federal. Uma delas foi o estreitamento com o filósofo espiritualista Farias Brito, sobre quem Jackson se debruçou e publicou seus dois primeiros livros na capital. Outro ponto foi sua aproximação com a pastoral de Dom Leme.

A doutrina de Jackson estava inserida num contexto global e brasileiro. A Europa saía da Primeira Guerra em dinâmica favorável ao surgimento de regimes totalitários, destrocada econômica e politicamente. Dentro desse quadro, a matriz do pensamento conservador católico estava em Paris, alicerçada principalmente nas ideias do

¹⁰ Para a reconstrução da trajetória de Alceu, baseei-me em Bandeira (2000), Lima (2000) Villaça (2006), Gomes Júnior (2011), Rodrigues (2012), Rodrigues (2013) e Ferreira (2015).

¹¹ FERREIRA, X. A. *Histórias de meu avô Tristão: a biografia de Alceu Amoroso Lima*. São Paulo: Azulsol Editora, 2015.

¹² Os elementos de trajetória de Jackson foram colhidos nas mesmas referências usadas para reconstituir a trajetória de Alceu, agregando, ainda, Fernandes (1989), Pinheiro Filho (2007), Arduini (2014) e Leite (2014).

filósofo Joseph de Maistre (1753-1821). A síntese da doutrina residia no conceito de “contrarrevolução”. A Igreja se dirigia contrariamente não apenas à ruptura comunista soviética, mas, antes disso, aos desdobramentos da própria Revolução Francesa, e por consequência, no âmbito da literatura, a qualquer indício de aceitação das vanguardas.

Essa corrente de pensamento chegou ao Brasil com força na abertura do século XX. Seus representantes foram os próprios Dom Leme, Jackson de Figueiredo, um conjunto de clérigos, intelectuais e, mais tarde, Alceu Amoroso Lima. O solo brasileiro era igualmente fértil para essa saída conservadora. O decênio de 1920 condensou uma miríade de crises e revoltas políticas que anunciavam a falência do regime de 1891. A instalação da República, a abolição da escravidão e os fluxos imigratórios eram somente alguns dos eventos recentes que mexiam profundamente na sociedade.

Já o pós-guerra obrigava a economia local a um impulso ainda inédito, e encontrava uma classe dirigente dividida, em crise, incapaz de estipular soluções nítidas para o país que cada vez mais se confrontaria com a urgência de erigir uma identidade própria. Na área artística e literária, foi a década do modernismo lançado em 1922 a partir de segmentos da oligarquia paulista, mas que gerou um abalo na estética passadista há muito acomodada no espírito e nos hábitos dessa mesma elite. Em resposta a isso tudo, a Igreja Católica passava a se remodelar, entrando decididamente nas disputas de poder e nos debates públicos e culturais, querendo disciplinar seus fiéis e recompor o caráter hegemônico que historicamente tivera no Brasil.

Essa época de incertezas, inseguranças, indefinições e de ofensiva católica repercutia na correspondência de Jackson e Alceu com efeitos diversos. Conforme dito, Jackson ingressava na década de 1920 já na condição de militante cristão. O mesmo não valia para Alceu. Neste caso, a conjuntura externa conflituosa rebatia na “alma” do intelectual de forma a acarretar não tanto a ação, mas o sofrimento interno e a dúvida. Alceu permaneceria paralisado diante de escolhas possíveis em seu horizonte, sendo a principal delas a de ingressar ou não nas fileiras da Igreja e de como comportar-se, enquanto crítico literário, diante do modernismo e das inovações estéticas. Nas cartas, esse impasse se traduzia em angústia confessada ao amigo, que por seu turno sabia bem o terreno em que pisava e a direção que perseguia.

Até 1928, Alceu conseguiu prolongar um “estado de indeterminação”¹³ em sua trajetória. Com efeito, o crítico carioca dispunha de um estofo considerável de capital social, cultural e econômico dentro da cidade em que nascera, crescera e fizera nome, o Rio de Janeiro, para arrastar a situação adiante o máximo possível. Os custos dessa decisão (de não decidir) resultavam em um estado como que de crise existencial permanente, perceptível nas cartas, em que Alceu dizia não suportar seu lugar social no mundo, mas, ao mesmo tempo, temia perder os referenciais que lhe davam segurança e que estariam em risco mediante a tomada de alguma decisão brusca.

Na hipótese de se converter, um dos temores principais de Alceu era se desapossar da liberdade que ele idealizava como um conceito puro. “Tenho horror a que tomem conta de mim. Gosto de ter pelo menos a ilusão da independência. E confesso que isso me afasta mais da Igreja do que tudo”¹⁴, ele escreveu em março de 1928.

Por seu turno, Jackson era hábil em jogar com o sentimento de culpa do amigo em decorrência da origem social elevada. Além disso, sugeria insistentemente uma conciliação do crítico carioca com a fé. “Você deve

¹³ BOURDIEU, P. Flaubert analista de Flaubert. In: *As regras da arte*. Gênese e estrutura do campo literário. Trad. MACHADO, M. L. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

¹⁴ LIMA, A. A. Carta de 24 mar. 1928. LIMA, A. A.; FIGUEIREDO, J. Op. Cit., Tomo II, p. 32.

repousar um pouco o espírito em leituras de *filosofia católica*¹⁵. “Leio nos seus olhos e nas suas palavras uma séria simpatia pela obra da Igreja”¹⁶. “Alceu: por que você, a esta altura, não faz, durante três ou quatro meses, uma leitura sistemática de obras sobre a Igreja?”¹⁷.

A própria crítica literária aparecia enquanto tema em meio a esse conjunto de insinuações e tentativas de convencimento. Caso se convertesse, Alceu temia não preservar o nome que acumulara na crítica de rodapé. Ademais, as concepções de crítica eram muito distintas entre os dois. Já na primeira carta reunida, por exemplo, Alceu agiu com cautela diante do amigo que havia, sem sucesso, tentado lhe “encomendar” uma crítica positiva na imprensa. O tema da independência e da autonomia avultavam como caros a ele:

Meu caro Jackson,

[...] Julga você, por acaso, que dou a menor importância a pedidos ou recomendações, embora vindos dos que mais caros me sejam?

Pensa você que ao julgar o valor estético de uma obra, indago do valor moral do seu autor?

No dia em que o fizesse, ou no dia em que fosse forçado a escrever contra a minha consciência, diria um adeus sem saudade, talvez saudoso, quem sabe, a esse ingrato mas sedutor mister de crítico de primeira mão, mas não de primeira água.¹⁸

Jackson respondeu: “[...] muito ao contrário de você, jamais separo o homem do livro ou o que seja que haja escrito. [...] suponho que sua regra de imparcialidade é um pouco desumana”¹⁹.

Enormes polêmicas foram causadas pelo modernismo. Jackson era incapaz de admitir a existência do movimento. Já Alceu estabeleceria com o mesmo uma aproximação efetiva. Sérgio Buarque de Holanda, anos mais tarde, reconheceria que, “alheio embora ao movimento modernista de 1922”, Alceu soubera “apreciá-lo no seu justo valor e na importância” que tivera “na história da literatura e do pensamento brasileiros”²⁰. A ânsia do crítico carioca era de se manter em posição reconhecida de arbitragem, planando sobre as disputas de vanguarda sem tomar partido explícito, para que isso não lhe afetasse o equilíbrio e o “espírito aberto”. Dessa forma, foi um membro da geração anterior à dos modernos que esteve, contudo, sintonizado com as novidades. Não combateu sectariamente os novos de São Paulo nos primeiros anos do movimento, como ocorreria amiúde no jornalismo carioca, porém não lhes estendeu um tapete vermelho com elogios fáceis. Disso dependia a manutenção de sua posição de autoridade, no fim das contas.

“Você, meu querido Alceu, está se deixando intoxicar pelas letras contemporâneas”²¹, afirmava Jackson em outubro de 1927. De outro lado, Alceu foi compelido a vez ou outra demarcar território com o interlocutor, como se vê nesse excerto de fevereiro de 1923:

¹⁵ FIGUEIREDO, J. Carta de 27 mai. 1928. Ibidem, p. 120.

¹⁶ FIGUEIREDO, J. Carta de 29 mar. 1927, Ibidem, Tomo I, p. 76.

¹⁷ FIGUEIREDO, J. Carta de 13 abr. 1928, Ibidem, Tomo II, p. 70.

¹⁸ LIMA, A. A. Carta de 01 set. 1920. Ibidem, Tomo I, p. 34.

¹⁹ FIGUEIREDO, J. Carta de 03 set. 1920. Ibidem, p. 40.

²⁰ HOLANDA, S. B. *O Espírito e a Letra: estudos de crítica literária II (1948-1959)*. PRADO, A. A. (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 61.

²¹ FIGUEIREDO, J. Carta de 17 out. 1927. LIMA, A. A.; FIGUEIREDO, J. Op. cit., Tomo I, p. 194.

[...] esperava tua carta. E esta, se veio atrasada, chegou afinal e chegou com as palavras que eu esperava do teu impenitente conservadorismo literário. E aqui está o que julgo o teu erro: confundes o espírito conservador político e espírito conservador literário, autoridade social e autoridade estética, e pensas que quem quer bem às letras só pode escrever de acordo com o modelo imemorial do que já se tem feito e refeito em séculos de literatura. Sou, como você, um espírito conservador em política [...]. Mas que é que tem uma coisa com outra? Defender a volta a uma política de bom senso equivale a exigir da arte uma negação de sua modernidade, de sua renovação, de sua mocidade necessária? [...] É possível que haja muita *blague* no que escrevem esses novos de São Paulo. Nem algum deles nega isso, como o Mário de Andrade. Mas é uma *blague* de combate, um pouco ingênua, sem dúvida, mas necessária para agitar esse mar morto em que andam geralmente nossas letras. Tive mesmo o cuidado de acentuar, a cada passo, que o livro dele era mais um livro de combate do que um livro de poesia.²²

O que se observa é que, em literatura, os diques impostos por Alceu em relação a Jackson foram mais robustos do que nas outras temáticas. Tratou-se do terreno em que os polos “dominante” e “dominado” da correspondência não se distorceram, isto é, em que a autoridade superior que Alceu possuía na crítica literária jornalística se fez manifestar, igualmente, nas cartas, mesmo que Jackson tentasse deslocar o amigo também aí.

De modo geral, defino o caminho de Alceu em direção à posição defendida por Jackson como um processo construído progressivamente e sob percalços. A maior parte das cartas foi reunida entre 1927 e 1928 e representou a fase de maior estreitamento entre as visões. Contudo, entre 1919 e 1924, houve diferenças em múltiplas áreas, sendo as principais delas a literatura, a crítica e o modernismo. A filosofia, a fé e a política encerravam os tópicos em que a comunhão de princípios foi mais intensa entre os dois, ou antes, em que Jackson logrou atrair o interlocutor com mais êxito. Não há cartas registradas nos anos de 1925 e 1926.

Quando convertido, Alceu publicou seu conhecido texto “Adeus à disponibilidade”²³, em diálogo com o modernista Sérgio Buarque de Holanda nas páginas de *A Ordem*. Para ele, a expressão denotava o afastamento da imparcialidade no tocante à literatura, a relativização do espírito aberto que lhe permitiu ser receptivo ao modernismo, mesmo que dele não fosse adepto. Dali em diante, ao lado das leituras estéticas, valeriam os parâmetros do engajamento, da militância católica e da instituição de preceitos morais e ideológicos no trabalho intelectual, ainda que a obra do crítico literário seguisse adiante, com elaborações importantes.

Deve-se frisar que o “adeus à disponibilidade” representou, também, um adeus às indeterminações que se arrastavam em seu caminho; dizendo adeus, na realidade Alceu se lançava nas lutas internas do campo intelectual, político e religioso carioca. Foi grande o envolvimento dele, a partir de então, em instituições e projetos. De imediato, ele assumiu a direção da revista *A Ordem* e do Centro Dom Vital. Em 1935, teve início uma nova ofensiva da Igreja através do laicato, quando da fundação da Ação Católica Brasileira, igualmente presidida por Alceu. O crítico havia fundado, em 1932, o Instituto Católico de Estudos Superiores (ICES) e, no ano seguinte, a Liga Eleitoral Católica (LEC). Adicionalmente, foi reitor da Universidade do Distrito Federal (UDF), integrou o Conselho Nacional de Educação e, em 1935, ingressou na Academia Brasileira de Letras.

Houve um caráter estratégico na captação de Alceu para a Igreja. Por isso, nota-se tamanha resiliência de

²² LIMA, A. A. Carta de 02 fev.1923. Ibidem, Tomo I, p. 63-64.

²³ ATHAYDE, T. Adeus à disponibilidade (carta a Sérgio Buarque de Holanda). *A Ordem*. Rio de Janeiro, a. VIII, v. I, 1929, p. 54-5.

Jackson nas cartas. Alceu era portador de um círculo de amizades e de influências digno de nota. Na literatura, tornou-se um ator decisivo para contrapesar o modernismo (rechaçado por Jackson) de forma eficaz, pois tinha renome na crítica e autoridade para influenciar a recepção do movimento, que crescia sob influência das vanguardas europeias e do mecenato de setores oligárquicos brasileiros. Afinal, a correspondência entre eles atravessou os períodos de gestação, realização e desdobramentos da Semana de 1922. Em compensação, como católico engajado, Alceu recebia um sem número de recompensas simbólicas, políticas e materiais, fixando-se como um dos intelectuais mais influentes da época.

Um rápido olhar sobre a relação que ele manteve, por exemplo, com Drummond, retratada na correspondência entre os dois a partir de 1929, dá medida do deslocamento de Alceu, quando convertido, do polo passivo ao polo ativo da disputa intelectual²⁴. As cartas testemunham que ele tentaria, com o escritor mineiro, instituir um processo de conversão semelhante ao que ele próprio tinha vivido com Jackson, mas sem êxito.

Já para buscar os efeitos diretos da conversão sobre a crítica literária e sobre a interlocução de Alceu com o modernismo, é necessário observar alguns de seus textos em *O Jornal*. Após pesquisa, selecionei para exposição trechos de dois artigos publicados, sequencialmente, em 7 e 21 de janeiro de 1923; outros referentes a 1925; e, num salto temporal, excertos de mais quatro escritos do final de 1930 e início de 1931. O primeiro conjunto corresponde à fase inicial do crítico e inclui as primeiras referências dele ao modernismo paulista e a alguns de seus expoentes, como Mário de Andrade. A última parte reflete o crítico católico que revisitava, após oito anos, seus julgamentos sobre o poeta paulistano, além estender juízos à geração espiritualista e a tópicos da conjuntura política e social. Já a passagem de 1925 exemplifica um dos alvos prediletos de sua polêmica: Oswald de Andrade.

“A evolução literária é um pêndulo. E, aliás, sinto-me à vontade para falar desse malcrismado ‘futurismo’, pois me incluo entre aqueles que Unamuno chamou de ‘eternistas’”. Assim, com certa distância e estranheza, Alceu abriu sua primeira crítica de rodapé sobre o modernismo, em 7 de janeiro de 1923. O foco da análise foi *Pauliceia Desvairada*, de Mário de Andrade (1893-1945), que segundo ele era “bom poeta”, “prontinho para figurar em sólidas antologias, onde os sonetos dormem respeitosamente”, até que decidira desviar-se da “monotonia dos trilhos” e da “literatura de horário certo”, para tentar a “variação de um desvio”²⁵.

De cara, Alceu enquadrou a obra de Mário como antes “um livro de combate do que um livro de poesia”. Essas reservas introdutórias, que pareciam abrir um artigo de restrição, na verdade aravam o terreno para uma aceitação positiva do autor, especialmente se comparado à média da imprensa carioca. “Não prega o Sr. Mário de Andrade o libertarismo incondicional”, afirmou Alceu, “o que deseja é conservar ao estado lírico o máximo da sua frescura, de seu arroubo original”. A avaliação do crítico — que ratificava o adjetivo “interessantíssimo” do prefácio da obra — era de que Mário trazia ao Brasil certas tendências literárias europeias que queriam “expressar a vida moderna, em sua trepidação exterior e em sua inquietação íntima”, gerando uma “polifonia” típica “de toda grande poesia”. Ele valorizava essa empreitada:

Poesia de ação, quando estamos habituados a poesia contemplativa. Poesia do presente, quando estamos habituados a poesia prolongada no tempo ou na distância — outras eras, outros sóis,

²⁴ ANDRADE, C. D. de; LIMA, A. A. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade & Alceu Amoroso Lima*. RODRIGUES, L. G. (org.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

²⁵ LIMA, A. A. *Estudos literários*. Rio de Janeiro: Companhia Aguilar Editora, 1966, p. 767-772.

outros olhos. Poesia de simultaneidade, quando estamos habituados a poesia do tema único, com variações secundárias. Não admira, portanto, a surpresa de uns, a revolta de outros, o desdém ou a gargalhada grosseira e paradoxal das múmias. A revolta contra as revoltas literárias não é simplesmente um sinal de atraso mental [...] A vaia é, ao mesmo tempo, uma consagração e uma legítima defesa. O nosso mal não é a vaia, mas antes o medo de vaiar e de ser vaiado. Desconheceu-o o Sr. Mário de Andrade, e, outro valor não tivesse a sua obra, teria o de quebrar corajosamente as convenções, o de rasgar novas janelas, embora fossem para os mesmos horizontes. E não são, porque o São Paulo de seu livro possui uma intensidade de vida, uma trepidação de movimento, uma variedade de sugestões, como ainda ninguém tinha expresso e muito menos dessa forma. Mas é São Paulo, e o defeito desse impressionismo é chegar ao regionalismo urbano, de modo que seu livro só pode ser compreendido em seus pormenores, em suas alusões constantes às coisas locais, por um paulista ou habitante de lá.²⁶

Foi este um dos textos a gerar arrepios em Jackson de Figueiredo, conforme exposto acima. Afora a demarcação bem “carioca” sobre um possível “regionalismo urbano” paulista, que joga luz à disputa que existia entre os centros intelectuais no contexto do modernismo, a crítica era positiva. E teve sequência em 21 de janeiro do mesmo ano, em artigo no qual, ao lado de Mário, o crítico incluiu Oswald de Andrade (1890-1954) e Menotti del Picchia (1892-1988) na pauta. Oswald recém lançara o primeiro volume da “Trilogia do Exílio”, *Os condenados* (1922), e Menotti o romance *O Homem e a Morte* (1922).

Oswald, de acordo com Alceu, era “uma revelação fora do comum”, que trazia à tona um romance “admirável”, “primeiro pano de um trático que há de marcar indelevelmente em nossas letras.” Para ele, a narrativa do paulista se distanciava de características obsoletas tanto do romantismo (sentimentalismo exagerado, “amplificações majestosas”), como do naturalismo (descrição minuciosa e supérflua) e do simbolismo (sintoma da decadência):

Nada de supérfluo. A palavra tomada em seu valor exato e incisivo. A realidade, tema e episódios, possuída em bloco no espírito e procurando realizar-se sem artifício, com o máximo efeito na maior simplicidade. É a grande economia de força literária. Tudo que se perdia em embelezar, em copiar ou requintar, ganha-se em impressão direta. É a literatura de ação, em ação. O leitor colabora com o autor. Tem a ilusão de que vai criando também, e vive melhor a vida do livro e vai tendo a ilusão de que o romance é também seu, pelo que vai descobrindo nas entrelinhas, nas palavras isoladas que desprendem ondas sonoras de significação, como cordas tangidas no silêncio. E o efeito é admirável, de força partilhada, de emoção transmitida, de uma imensa realidade contida em essência. [...] Neste livro, suprimiu o Sr. Oswald de Andrade a capitulação convencional e consegue comunicar à narrativa uma vivacidade que de outra forma perderia.²⁷

Em juízo que alguns anos adiante pareceria de qualquer outra pessoa, menos de Alceu, nesse momento ele posicionava, em primeiro plano, Oswald, o mais “construtivo” entre os três, seguido por Mário e, mais atrás, por se mostrar preso aos resquícios simbolistas, Menotti.²⁸ Concluindo, celebrava o trio do modernismo paulista:

²⁶ Ibidem, p. 771.

²⁷ Ibidem, p. 778.

²⁸ “Se o Sr. Mário de Andrade, através de todos os excessos desejados e passageiros de sua cruzada combativa, procura uma expressão poética nova da civilização brasileira do século XX — se o Sr. Oswald de Andrade penetra a realidade social de hoje, tomando ainda da vida em sua força coletiva, e com um senso de universalidade —, mantém-se o Sr. Menotti del Picchia, neste poema em prosa, na pura vida subjetiva, ainda muito tocado de simbolismo.” Ibidem, p 777.

O movimento modernista de São Paulo, como vemos, não cerceia a personalidade, tão diferente, de cada um destes três autores. A escola só existe onde não há talento. E há mais que talento nestes três criadores. Há uma renovação.²⁹



Fig. 1:ATHAYDE, Tristão. Rodapé “Vida literária”: Menotti del Picchia, Mário de Andrade e Oswald de Andrade. *O Jornal*. Domingo, 21/01/1923, p. 1.

Seu enfoque mudou no primeiro texto selecionado de 1930, “Mais vozes de perto”. Nele, Alceu revisitou opiniões sobre Mário e combateu Oswald, a essa altura representante da Poesia Pau-Brasil e afiliado ao comunismo. O crítico manteve avaliação positiva de *Pauliceia Desvairada*, porém assumiu postura defensiva, reativa, como a de alguém que precisava legitimar uma opinião do passado de acordo com postulados atuais. Dentro disso, combinou um esforço de reafirmação das qualidades estéticas da obra modernista, como já fizera em 1923, com a inserção de um novo critério de legitimação, ausente de sua crítica primeira: a presença do “espírito religioso” na obra literária:

Hoje, passados dez anos desse livro, depois de uma marcha de ideias e convicções que me levou ao polo oposto de onde então me achava, — não me arrependo do alvoroço com que saudei o seu aparecimento. Foi para mim a revelação completa do modernismo brasileiro. Com a mesma alegria com que saudei mais tarde os poemas que vieram a enterrar o *modernismo convencional*, — saudei a aurora modernista do Sr. Mário de Andrade. E ainda hoje, relendo o seu ‘prefácio interessantíssimo’ de então, não vejo nada do cabotinismo de que o acusaram. Não me arrependo de ter ‘tomado a sério’ o que parecia loucura ou exibicionismo. E se muita coisa valia apenas pela novidade, pela sacudidela que dava no burguesismo literário, se cada vez mais abomino a arte pela novidade, — o fato é que esse livro *marcava* como nenhum outro. E relendo-o hoje, quando muito do que me satisfazia então já hoje me aborrece de tão repetido, [...] vejo nela o início de uma era nova, um marco da literatura brasileira, uma das coisas mais

²⁹ Ibidem, p. 778.

sérias que se tem escrito no Brasil. Podem dizer o que quiserem, mas a ‘Pauliceia Desvairada’, de 1922, há de ficar em nossa história literária [...]. E hoje em dia, graças a Deus, vendo como a Verdade se reflete em todos os cantos da realidade e como tudo na terra só se justifica pela glória que renda ao Senhor, vejo nesse livro, ainda como naquele que um século antes marcou o início do romantismo — vejo nele a afirmação categórica do espírito religioso, não só do poeta individualmente, mas de toda uma época que, consciente ou inconscientemente, reagia contra o naturalismo ou o ceticismo dos mestres que a tinham formado, das gerações que a tinham precedido.³⁰

O crítico “batizou” o poeta e, desse modo, aceitou sua obra. Junto a isso, infundiu significação religiosa em torno do modernismo, elemento antes inexistente em sua análise. A impressão que resta é a de alguém que buscava manejar o objeto literário de forma a que esse se encaixasse em sua doutrina. Ele ainda equipararia a “espiritualidade religiosa” a traços intrínsecos do movimento, como a renovação estética e o senso de localidade:

Não era apenas, portanto, a nova estética mais ou menos futurista [...], não era apenas o novo espírito de brasilidade no estilo [...], — era também uma onda de espiritualidade religiosa profunda e angustiada que lutava contra a impureza de uma imaginação solicitada por todas as formas e que não ousava empobrecer-se para se enriquecer. A cisão posterior entre os dois Andrades proveio talvez daí. Oswald lançou-se na blasfêmia pura e suicidou-se literariamente [...]. Mário continuou a luta interior que até hoje ainda o não largou, mas que *infelizmente* veio diminuir ao longo de sua obra, tendo perdido aquele calor de angústia que marcava tão fortemente a sua ‘Pauliceia Desvairada’.³¹

Esse esforço como que de ressignificar o modernismo, fugindo do enfrentamento aberto com o movimento a essa altura já rotinizado, mas buscando passar nele uma peneira para reter aliados e repelir adversários, tinha tudo a ver com a conformação da intelectualidade católica como um grupo mais amplo. O texto citado data do final de 1930, ano que marcou a estreia em livro de Murilo Mendes (1901-1975), com *Poemas*, e a preparação da chegada de Jorge de Lima (1893-1953), que era alagoano, ao Rio de Janeiro. Por sua vez, figura também alinhada à vertente espiritualista, conhecido por revisar o modernismo, Augusto Frederico Schmidt (1906-1965) já atuava desde 1928.

Em rodapé, Alceu comentou o livro de estreia de Mendes. Ele celebrou a “nova geração” a que o poeta se integrava e foi explícito no discurso religioso:

Essas vozes de hoje [...] marcam realmente uma nova época literária e um novo estado de espírito poético, muito mais fechados à disciplina e aos equilíbrios da terra, mas muito mais abertos ao misterioso pressentimento de Deus, única disciplina e único equilíbrio verdadeiro. E daí a *ordem* sobrenatural que encontramos na aparente desordem e no desvario natural desses poetas. Pois a desordem é a privação de Deus. E só Deus ordena.³²

Já a poesia de Augusto Frederico Schmidt, em “Uma voz na tormenta”, foi definida como símbolo da recuperação da “alma romântica do Brasil”, após “meio século de materialismo naturalista”, “deliquescências simbolistas” e “malabarismos modernistas”. O autor de *Pássaro Cego* (1930) estaria sintonizado com o tempo político e social do país:

[...] há dois anos [Schmidt] veio trazer, para o convencionalismo, para o impersonalismo ou

³⁰ LIMA, A. A. *Estudos*. 5ª série. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Companhia Editora Nacional, 1933, p. 127-128.

³¹ *Ibidem*, p. 129.

³² *Ibidem*, p. 136.

para a frivolidade de muito modernismo poético ambiente, um sopro de gravidade e de melancolia, que muitos acharam incompatível com o que devia ser o ímpeto sadio, alegre e dinâmico das letras ‘modernas’ [...] Hoje, porém, a realidade terrível em que estamos envolvidos vem iluminar de uma luz compreensível tudo o que parecia incompreensível. Sua gravidade, sua tristeza, sua inquietação, sua renúncia ao frívolo, ao superficial, ao pitoresco, seus apelos à vida calma, sua vontade de partir, seu messianismo — tudo se ilumina à luz da grande tragédia que se elaborava misteriosamente no seio mais oculto da nossa pátria e de que muitos descuidaram, atraídos pela calma das aparências. [...] os dois poemas do último livro do autor de ‘Pássaro Cego’ terão sido realmente qualquer coisa de ‘profético’, em nossa poesia moderna.³³

É considerável a mudança em sua crítica. Segundo Lafetá³⁴, convertido, Alceu passou a expressar um “método duplo”, contraditório, cujo objetivo seria equilibrar a análise voltada aos aspectos gerais da sociedade, da política, da moralidade e da religião, com a leitura propriamente estética das obras, que ele professara no princípio dos anos 1920.

Lembro que em sua primeira fase, Alceu representou como que uma novidade dentro da crítica de rodapé. Isso pois seu postulado principal era a soberania da obra literária. A partir dela, o crítico propunha uma metodologia denominada “expressionista”, que içava a crítica a um trabalho de criação resultante, segundo ele, da “transfusão do espírito da obra no espírito do crítico”³⁵. Ele não rompia de todo com o impressionismo reinante — antes, propunha uma espécie de “disciplina do impressionismo” —, mas a estipulação da soberania do objeto literário já era suficiente para diferenciá-lo das correntes deterministas, de um lado, e de outro, da superficialidade impressionista existente em um seu colega como Agripino Grieco. “Penetrar, compreender e interpretar a obra do autor em vez de realizar um passeio superficial sobre os livros ou” prender-se “a certos aspectos particularistas do trabalho de criação literária”, afirmava ele próprio³⁶.

Havia uma inspiração oriunda de Benedetto Croce (1866-1952). Candido julgou se tratar de uma “primeira tentativa teórica de superar, no Brasil, as modalidades críticas anteriores”, mas apontou que o interesse pelo “estudo da forma” continuava limitado³⁷. Na mesma linha, Lafetá, criticando o Alceu dos anos 1930, ressaltou: “de qualquer maneira, [...] Tristão representa mesmo assim um passo à frente na crítica brasileira”³⁸.

Quando convertido, a primeira movimentação de Alceu foi de afastamento dos assuntos exclusivamente literários. Inaugurou-se o período do “crítico de ideias”³⁹ que comentaria, com frequência, livros de filosofia, política, história, religião etc. No âmbito político, suas visões passaram a ser subordinadas ao pensamento

³³ Ibidem, p. 144-145.

³⁴ LAFETÁ, J. L. *1930: a crítica e o modernismo*. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

³⁵ LIMA, A. A. *Estudos literários*. Op. cit., p. 536.

³⁶ Idem. *Memórias improvisadas*. Op. cit., p. 135.

³⁷ “Consequência do ‘expressionismo’ é que, embora acentue o caráter da literatura como arte, ele conduz na prática a uma concentração no sujeito, cuja ‘expressão’ se procura definir. Para atingir a sua ‘alma’, importa mais a intuição sobre esta do que a análise propriamente dita da obra, porque o objetivo real é uma identificação afetiva crítico-autor. Por isso, consideradas de modo estrito, as análises deste livro [Afonso Arinos (1922)] tendem a continuar o que se fazia antes, isto é, transcrever textos para ilustrar uma argumentação *em torno*, não uma descrição *por dentro* deles. Já aqui percebemos que, apesar do extremo bom gosto e da capacidade segura de avaliar, este grande crítico tinha interesse limitado pelo estudo da forma, vendo no texto sobretudo uma descarga de significados.” CANDIDO, A. *Recortes*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004, p. 84.

³⁸ LAFETÁ, J. L. *1930: a crítica e o modernismo*. Op. cit., p. 123.

³⁹ MARTINS, W. *A crítica literária no Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983, 2 vols.

ultramontano. Afora os temas universais, ganhava espaço a preocupação com a educação, com a formação cultural e social brasileira, além do combate ao comunismo, tópicos nos quais ele se avizinhava de ideias da extrema-direita, quase fascista.

Já na literatura e marcadamente na relação com o modernismo, a bagagem que trazia de antes o impedia de “regredir” ao passadismo; entretanto, o crítico não mais se punha plenamente à disposição das novidades do seu tempo. Procurava, sim, separar o “joio do trigo” no interior do movimento (de acordo com suas concepções católicas), condenando o que chamava de “modernismo intencional” — as obras vanguardistas — para defender, sobretudo, a “segunda geração”, de corte espiritualista. Nem todos os seus textos do período foram sectários, é claro, pois havia momentos em que a veia mais literária ainda se manifestava, porém apenas sob condição de que não ferisse o postulado católico à espreita.

Entre os modernos, Oswald foi o mais alvejado. Os ataques ao poeta principiaram ainda no meio da década de 1920. Já então, Alceu se declarou receoso perante o que classificava como dois perigos em curso na literatura: o “conformismo da geração anterior” e o “modernismo destruidor”, este levantado por Oswald e “o mais grave dos dois males”. Em 1925, escreveu:

A poesia Pau-Brasil não merece o ridículo, não. Ridicularizá-la é fazer o que ela procura. E nem nisso é original, pois tão ridículo como eles são os moedores de sonetos [...]. É preciso combatê-la. Nem silenciá-la, nem lhe dar armas. [...] O que pretende o Sr. Oswald de Andrade e o grupo de seus admiradores é abolir todo o esforço poético no sentido da lógica, da beleza, da construção, e nadar no instintivo, na bobagem, na mediocridade. Exaltar a vulgaridade. Chegar ao puro balbucimento infantil. Reproduzir a mentalidade do imbecil, do homem do povo ou do almofadinha dos cafés. Curvar o joelho diante de todos os prosaísmos. Voltar ao bárbaro ou deleitar-se no suburbano.⁴⁰

Noutra sequência de textos, também de 1925, o crítico empregou a metáfora da existência de “girondinos” e “jacobinos” no movimento, e conclamou o combate aos últimos. Ao final dos artigos com essa temática, seu texto se deslocou imediatamente para a política, em escritos de ataque ao comunismo. Na abertura desses rodapés, ele não escondeu do leitor a relação que estabelecia, em seu pensamento, entre as duas temáticas, literária e política:

[...] em vários artigos precedentes procurei denunciar o perigo de certas aberrações ou complacências literárias modernas, que ameaçam arrastar a nossa inteligência e a nossa arte para a dissolução no arbitrário ou escravizar-nos à mecanização dos preconceitos libertários. [...] Hoje, e provavelmente por mais alguns artigos, pois a matéria é abundante e cheia de interesse, desejo apontar outro perigo, ainda mais grave, pois ameaça destruir a estrutura e sobretudo o espírito da sociedade ocidental, que o mundo moderno já tem corrompido e abalado por tantas formas: o comunismo.⁴¹

Em síntese, a crítica católica de Alceu Amoroso Lima incorporou, a partir de então, uma mescla entre a visão literária e a militância ideológica.

Na atuação como crítico literário e no contato com o modernismo, isso redundou em movimentos coordenados. Um deles foi certa fuga da literatura de imaginação, transformando em tarefa do crítico a vigilância

⁴⁰ LIMA, A. A., *Estudos literários*. Op. cit., p. 916-917.

⁴¹ *Ibidem*, p. 940.

mais ampla das ideias em curso na sociedade. Noutra campo, porém, Alceu trabalhou na articulação de um movimento católico mais geral dentro da literatura em si, no que atuou junto com a geração espiritualista do modernismo, afastou-se dos representantes da “fase heroica” e buscou amalgamar um grupo robusto de intelectuais católicos em esferas variadas de produção intelectual e literária, envolvendo-os nas iniciativas da revista *A Ordem* e do Centro Dom Vital.

Era do interesse da Igreja tentar influir no romance, na poesia e na literatura de ficção, tendo em vista a importância simbólica que eles possuíam na moldagem do pensamento, influenciando os gostos, a cultura e mesmo a imaginação política de um povo. Assim, a crítica católica de Alceu não se esquivou de todo da literatura propriamente dita, e isso não apenas para se manter como crítica literária, mas sim para disputar uma influência católica também nesse terreno. E ao gosto crítico interessava manter, também, certa autoridade específica no campo da literatura.

Só depois da Segunda Guerra, Alceu viveu um novo processo de revisão de posições (definido por alguns como uma “reconversão”), afastando-se do polo reacionário. Frise-se, no entanto, que o espectro católico já o marcara, diluindo, de forma contundente, o emblema que décadas antes ele chegara a possuir de um “crítico do modernismo”.

Excetuando o lapso que abrangeu os primeiros anos da década de 1920, Tristão de Athayde antes reafirmou do que contestou a média da crítica literária jornalística carioca, em geral resistente ao modernismo. Note-se, contudo, que, sendo o Rio de Janeiro naquela época a capital federal e a sede mais legítima da crítica literária, aos expoentes de 1922 acabou se conformando uma situação contraditória. A criação literária mais notável do movimento advinha de São Paulo, mas a arbitragem residia no Rio, pois Alceu era o crítico proeminente. Ou por outra, a vanguarda paulista obtinha divulgação de suas obras na capital, mas sempre de forma controlada. Houve, de certo modo, uma polarização crescente entre o carioca e os paulistas semelhante à metáfora do “profeta” e dos “bandeirantes”. Vinculado à militância católica, o primeiro tinha a seu favor a importância literária da capital e seu prestígio de crítico literário. Já os segundos buscavam compensar a desvantagem relativa de escreverem na “província” ligando-se aos planos da elite local e ao que de mais dinâmico ela patrocinava em literatura, o modernismo. Com o passar do tempo, a balança da consagração pendeu favoravelmente a estes.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, C. D. de; LIMA, A. A. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade & Alceu Amoroso Lima*. RODRIGUES, L. G. (org.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- ANTONIO CANDIDO. *Recortes*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.
- ARDUINI, Guilherme Ramalho. *Os soldados de Roma contra Moscou: a atuação do Centro Dom Vital no cenário político e cultural brasileiro (Rio de Janeiro, 1922-1948)*. Tese de doutorado em Sociologia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paul, 2014.
- ATHAYDE, Tristão de. Adeus à disponibilidade (carta a Sérgio Buarque de Holanda). *A Ordem*. Rio de Janeiro, a. VIII, v. I, p. 54-59, 1929.
- BANDEIRA, Marina. *A Igreja Católica na virada da questão social (1930-1946)*. Rio de Janeiro: Vozes; Educam, 2000.
- BOLLE, Adélia Bezerra de Meneses. *A obra crítica de Álvaro Lins e sua função histórica*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*. Gênese e estrutura do campo literário. Trad. Machado, M. L. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

- DIAZ, José-Luis. Qual genética para as correspondências? *Manuscrita: Revista De Crítica Genética*. Trad. HIRO, C.; BARSALINI, M. São Paulo: Editora Humanitas, n. 15, 2007.
- ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Trad. RIBEIRO, V. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- FERNANDES, Cléa Alves Figueiredo. *Jackson de Figueiredo: uma trajetória apaixonada*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.
- FERREIRA, Xikito Affonso. *Histórias de meu avô Tristão: a biografia de Alceu Amoroso Lima*. São Paulo: Azulsol Editora, 2015.
- GOMES JÚNIOR, Guilherme Simões. Crítica, combate e deriva do campo literário em Alceu Amoroso Lima. *Tempo Social*. São Paulo, USP, FFLCH, v. 23, 2011.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O Espírito e a Letra: estudos de crítica literária I (1920-1947)*. Prado, A. A. (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- _____. *O espírito e a letra: estudos de crítica literária II (1948-1959)*. Prado, A. A. (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- LAFETÁ, José Luiz. *1930: a crítica e o modernismo*. São Paulo: Duas Cidades, 2000.
- LEITE, Fábio Luis de Almeida. *A reconversão de Alceu Amoroso Lima: a correspondência com Jackson de Figueiredo entre 1924 e 1928*. Dissertação de mestrado em Ciência da Religião, Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2014.
- LIMA, A. A.; FIGUEIREDO, J. *Correspondência: harmonia dos contrastes*. FILHO, J. E. (org.). Tomo I-II. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1991.
- LIMA, Alceu Amoroso. *Estudos literários*. Rio de Janeiro: Companhia Aguilar Editora, 1966.
- _____. *Estudos, 5ª série*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Companhia Editora Nacional, 1933.
- _____. *Memórias improvisadas: diálogos com Medeiros Lima*. Rio de Janeiro: Vozes; Educam, 2000.
- MAINWARING, Scott. *A Igreja Católica e a política no Brasil (1916-1985)*. Trad. PRIETO, H. B. O. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- MARTINS, Wilson. *A crítica literária no Brasil, vol. I: 1724-1939*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.
- _____. *A crítica literária no Brasil, vol. II: 1940-1981*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.
- MICELI, Sergio. *A elite eclesiástica brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- PINHEIRO FILHO, Fernando Antonio. A invenção da ordem: intelectuais católicos no Brasil. *Tempo Social*. São Paulo, USP, FFLCH, v. 19, n. 1, 2007.
- RODRIGUES, Cândido Moreira. *Aproximações e conversões: o intelectual Alceu Amoroso Lima no Brasil dos anos 1928-1946*. São Paulo: Alameda, 2013.
- RODRIGUES, Leandro Garcia. *Alceu Amoroso Lima: cultura, religião e vida literária*. São Paulo: Edusp, 2012.
- SERRANO, Pedro Bueno de Melo. *A crítica bandeirante (1920-1950)*. Dissertação de mestrado em Sociologia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2016.
- SÜSSEKIND, Flora. Rodapés, tratados e ensaios: a formação da crítica brasileira moderna. In: _____. *Papéis colados*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2002.
- VELLOSO, Monica Pimenta. *A Ordem: uma revista de doutrina, política e cultural católica*. *Revista de Ciência Política*. Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 117-160, jul., 1978.
- VILLAÇA, Antonio Carlos. *O pensamento católico no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

Recebido em: 25/01/2022
Aceito em: 09/05/2022